

CONIMBRIGA

VOLUME LVIII • 2019



CONIMBRIGA

CONIMBRIGA

Revista de Arqueologia | Publicação anual
Revista com arbitragem científica | Journal with peer review
Indexada na Web of Science (Emerging Sources Citation Index)

DIRETORA

RAQUEL VILAÇA

SECRETARIADO EDITORIAL

JOSÉ LUÍS MADEIRA

CONSELHO DE REDAÇÃO

DOMINGOS DE JESUS DA CRUZ
HELENA MARIA GOMES CATARINO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MARIA CONCEIÇÃO LOPES
PEDRO C. CARVALHO
RICARDO COSTEIRA DA SILVA
VASCO GIL MANTAS

CONSELHO CIENTÍFICO

ALAIN TRANOY (Université de Poitiers)
ANA MARGARIDA ARRUDA (Universidade de Lisboa)
GERMÁN DELIBES DE CASTRO (Universidad de Valladolid)
JAVIER SÁNCHEZ-PALENCIA (Centro de Ciencias Humanas y Sociales, CSIC - Madrid)
JORGE DE ALARCÃO (Universidade de Coimbra)
LUÍS RAPOSO (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
MANUEL MARTÍN-BUENO (Universidad de Zaragoza)
MARTÍN ALMAGRO-GORBEA (Universidad Complutense de Madrid)
MÁRIO BARROCA (Universidade do Porto)
PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ (Universidad de Alcalá de Henares)
TANIA ANDRADE LIMA (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
TRINIDAD NOGALES BASARRATE (Museo Nacional de Arte Romano)

DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM

JOSÉ LUÍS MADEIRA

SECRETARIADO ADMINISTRATIVO

EUNICE DIONÍSIO

PROPRIEDADE

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

EDIÇÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESSÃO: Gráficasmares, Lda.

ISSN: 0084-9189 | ISSN Digital: 1647-8657

DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8657_58

DEPÓSITO LEGAL: 93223/95 | ANO 2019

Todos os contributos (artigos e resenhas) devem ser submetidos através da plataforma Open Journal Systems (OJS)

no link <http://impactum-journals.uc.pt/login>

Toda a correspondência deve ser dirigida a:

CONIMBRIGA | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | PALÁCIO DE SUB-RIPAS
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL
conimbriga.revista@uc.pt

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.
Sollecitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht.*

UNIVERSIDADE DE COIMBRA | FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME LVIII



IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

COIMBRA 2019

CARLOS PEREIRA

UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa); Museo de Cáceres

ORCID: 0000-0002-4116-3602

carlos_samuel_pereira@hotmail.com

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa); Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

ORCID: 0000-0002-7446-1104

a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

SALOMÉ RIBEIRO

Investigadora independente. Aluna do mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa

salomeribeiro31@hotmail.com

A CERÂMICA CAULINÍTICA DE MONTE MOLIÃO (LAGOS, PORTUGAL)

KAOLINITIC WARE FROM MONTE MOLIÃO (LAGOS PORTUGAL)

“Conimbriga” LVIII (2019) p. 127-148

https://doi.org/10.14195/1647-8657_58_4

RESUMO As escavações arqueológicas levadas a efeito em Monte Molião desde 2006 permitiram recolher um abundante espólio, entre o qual se destaca a cerâmica comum. Nos níveis correspondentes à ocupação romana do povoado, concretamente nos de época imperial, surgiram fragmentos de vasos que, pelas características das pastas e dos tratamentos das superfícies, bem como pelas morfologias, pudemos associar a importações gaulesas. Trata-se do que, na bibliografia arqueológica, é conhecido por “cerâmica caulinítica”. Neste conjunto, não especialmente abundante, dominam, de forma esmagadora, os jarros de boca trilobada, cuja função seria

Conimbriga, 58 (2019) 127-148

conter e servir líquidos, mas que podem também ter sido usados como fervedores. As oficinas do vale do Ródano foram, quase seguramente, os centros exportadores dos materiais encontrados no sítio algarvio, correspondendo a exportações que, de acordo com os dados estratigráficos, decorreram entre o final do século I e o século II.

PALAVRAS-CHAVE: Cerâmica comum, Gália, Época romana, Lusitânia meridional.

ABSTRACT The archaeological excavations carried out in Monte Molião since 2006 allowed to collect an abundant set of ceramics, among which the common ware stands out. At the levels corresponding to the Roman occupation, particularly those of the imperial period, there are fragments of vessels which, due the fabric and the forms, could be associated with Gallic imports. This is what, in the archaeological literature, is known as “kaolinitic ware”. In this group, not especially abundant, the jars are the best represented form. Their function would be to contain and serve liquids, but which may also have been used as boilers. The Rhone valley workshops were almost certainly the export centers of the ceramics found on the Algarve site, exports which, according to stratigraphic data, occur from the end of the first century to the second century.

KEYWORDS: Common ware, Gaul, Roman period, south Lusitania.

A CERÂMICA CAULINÍTICA DE MONTE MOLIÃO (LAGOS, PORTUGAL)

1. Introdução

Monte Molião (Lagos, Portugal) localiza-se na margem esquerda da ribeira de Bensafrim, muito próximo da sua foz, e implanta-se numa colina de formato elipsoidal, destacada na paisagem, dela se controlando visualmente toda a baía de Lagos (FIG. 1).

As escavações arqueológicas levadas a efeito no sítio desde 2006, ao abrigo de um protocolo que une a Faculdade de Letras de Lisboa e o seu Centro de Arqueologia (UNIARQ) à Câmara Municipal de Lagos, e que tem por objectivo o estudo deste importante sítio arqueológico, são já extensas, totalizando a área escavada cerca de 1500 m². A cronologia da sua ocupação está consideravelmente bem definida, balizando-se entre os meados do século IV a.n.e. e o final do século II (ARRUDA *ET AL.* 2008; PEREIRA e ARRUDA 2016; ARRUDA *ET AL.* 2011), sendo de destacar, pela densidade de estruturas construídas (domésticas e artesanais) e pela quantidade de materiais recuperados, as épocas republicana do século II a.n.e. e as flávia e antonina (FIG. 2).

Foi nos contextos alto-imperiais, concretamente nos que se datam, genericamente, entre o final do século I e os meados do seguinte que se recuperaram os vasos que se estudam neste trabalho, contextos que correspondem à Fase II alto-imperial do sítio, e que foram já definidos e caracterizados em trabalhos anteriores (PEREIRA e ARRUDA 2016).

2. Morfologias, fabricos e áreas produtoras da cerâmica caulinítica: questões prévias

As cerâmicas ditas comuns de época romana são sempre a categoria mais bem representada em qualquer sítio arqueológico deste período.

do. Todavia, o investimento no seu estudo não tem sido proporcional à sua abundância, sobretudo se comparado com o que é dedicado a outras produções oleiras, concretamente as “finas” ou as de mesa. Ainda assim, deve destacar-se, a nível peninsular, a investigação mais ou menos recente levada a efeito neste domínio, que resultou em trabalhos publicados já no decorrer do presente século (PINTO 2003; GARCÍA VARGAS e LOPEZ ROSENDO 2008; SERRANO RAMOS 2007; GIRÓN ANGUIZAR 2010; SOUSA e ARRUDA 2014).

A cerâmica de pasta caulinitica, estando integrada na vasta categoria da cerâmica comum, não mereceu, ainda, um estudo específico, com excepção dos que se desenvolveram no Sul da Gália, onde foi, aliás, abundantemente produzida (GOUDINEAU 1977; GOUDINEAU e GRAS 1978; MEFFRE e RAYNAUD 1993; BATIGNE e DESBAT 1996; PELLEGRINO, PORCHER e VALENTE 2012). Não obstante o conhecimento aprofundado das suas áreas produtoras, nomeadamente em Lyon, em La Graufesenque, no estuário do Garona e, mais a Norte, na área de Seine et Marne e Val d’Oise (BATIGNE e DESBAT 1996: 381- 387), a sua investigação em França não se tem também desenvolvido em anos recentes.

No território actualmente português, a produção de cerâmicas com pastas cauliniticas é também conhecida em época romana, com especial destaque para o território bracarense (DELGADO e MORAIS 2009: 25), onde a existência de jazidas de caulino está atestada (SAMPAIO 1969; SILVEIRA ET AL. 2016), tendo o seu fabrico local sido corroborado por análises laboratoriais (GOMES 2000).

A hipótese de uma produção na área do estuário do Tejo, concretamente na Quinta do Rouxinol, foi há poucos anos levantada (SANTOS 2012: 32, 38). Não sendo improvável, faltam neste caso dados mais concretos que suportem a referida possibilidade, até porque os fabricos foram descritos dicotomicamente de “pasta calcária ou caulinitica com a cor do cerne e da superfície bege esbranquiçada” (SANTOS 2012: 40). Por outro lado, o autor que estudou o centro oleiro tagano reconheceu que existem muitas semelhanças entre as produções que aí identificou e as bracarenses, inclusivamente “na cor das aguadas e pinturas usadas nestas peças” (SANTOS 2012: 39), apesar de insistir no facto de “existir um conjunto de indícios que apontam para a produção de peças com este fabrico na olaria romana do Rouxinol” (SANTOS 2012: 38). Algumas análises laboratoriais por difração de Raio X, ainda inéditas, parecem, contudo, comprovar que as argilas cauliniticas foram efectivamente utilizadas para a produção de vasos nas olarias da margem

esquerda do Estuário do Tejo (RAPOSO, SANTOS e ANTUNES 2016: 23, nota 2).

Assim, e embora se saiba que as províncias romanas gaulesas da *Narbonensis*, da *Aquitania* e da *Lugdunensis* fabricaram cerâmicas de pastas cauliníticas e que houve, no Ocidente peninsular, centros oleiros que também as produziram, pouco sabemos acerca da origem das que têm vindo a ser encontradas no Sul do actual território português. A sua própria existência tem-se resumido a breves referências (VIEGAS 2011: 255), não havendo conjuntos publicados, tendo, ainda assim, os de *Ossonoba* e *Balsa* sido considerados produções gaulesas.

A argila caulinita corresponde a um dos componentes do caulim, que, por sua vez, apresenta uma massa compacta, terrosa, microcristalina e de baixo brilho de madreperla (LUZ e DAMASCENO 1993; BIFFI 2002). A estrutura cristalina da caulinita apresenta-se sob a forma de folhas muito próximas que não deixam espaço para a fixação de iões, sendo, portanto, uma argila pura que não contém ferro, conferindo-lhe uma cor homogénea, muito branca. A sua riqueza em alumínio e sílica faz dela uma argila refractária, resistente ao choque térmico. Os componentes dessas argilas (caulim e caulinita) podem estar presentes em percentagens distintas, o que se reflecte na coloração geral das pastas, umas mais brancas, outras mais acinzentadas (SILVEIRA ET AL. 2016). Mas essa diferenciação pode também resultar de distintos processos de cozedura e de temperaturas diversas nesses mesmos processos.

As pastas que se podem considerar originárias do actual território francês apresentam, geralmente, tonalidades cinzentas esbranquiçadas ou cinzentas-claras e são compactas, duras, homogéneas, mostrando, contudo, alguns vacúolos. A superfície é frequentemente de tonalidade negra ou cinzento-escura. Não é incomum alguns recipientes apresentarem um aspecto marmoreado, que pode ser casual. Raros fragmentos ostentam uma tonalidade cinzenta homogénea nas superfícies interna e externa, assim como no núcleo (FIG. 3). A cozedura foi redutora, seguida de arrefecimento também concretizado em ambiente redutor (modo de produção B), o que justifica a tonalidade escura de estas cerâmicas, para o que contribui também a elevada presença de alumínio na caulinita. São, por norma, cozidas a cerca de 800° / 1000° C (PICON 2002).

De acordo com os dados existentes até ao momento, as cerâmicas de pastas cauliníticas gaulesas apresentam superfícies rugosas, não polidas, havendo uma considerável variedade morfológica, mesmo no interior da mesma forma.

São, geralmente, vasos destinados à contenção de líquidos (jarros trilobados), mas o repertório formal inclui também taças, tigelas e potes/panelas (MEFFRE e RAYNAUD 1993). Foi a qualidade das argilas e a sua resistência ao fogo que contribuíram para levantar a hipótese de aquele tipo em concreto ter sido usado como fervedor, admitindo-se também uma provável utilização no serviço e transporte de líquidos quentes (BATIGNE e DESBAT 1996: 381). Os mesmos autores não esqueceram as semelhanças morfológicas com a baixela metálica coeva, o que lhes permitiu associar a sua utilização ao consumo do vinho.

As pastas descritas como produções locais do estuário do Tejo são consideravelmente distintas das originárias da Gália, apresentando tonalidade esbranquiçada, sendo igualmente bem depuradas, duras, compactas e de textura granulosa, com vacúolos bem distribuídos. As diferenças observadas podem resultar da divergente composição da argila que, como já referimos, pode proporcionar pastas mais claras ou mais escuras.

As formas presentes nas eventuais produções do estuário do Tejo não correspondem a jarros. Estes existem, sendo, aliás, muito semelhantes morfológicamente às peças francesas, mas correspondem às bilhas do tipo 2.5.14, incluindo-se, na totalidade, no fabrico C, com pastas e superfícies de cor alaranjada (SANTOS 2012: 94).

Por fim, há que referir que a cronologia das “bilhas” da Quinta do Rouxinol se centrou entre a segunda metade do século IV e o século V, sendo assim consideravelmente mais tardias do que as suas congêneres da Gália e sobretudo das que, como veremos, foram identificadas em Monte Molião.

3. A cerâmica comum caulinítica de Monte Molião

A totalidade do conjunto das cerâmicas comuns cauliníticas de Monte Molião foi, quase seguramente, fabricada em olarias do Sul da Gália, cuja importação acompanhou, porventura, os vasos de *terra sigillata* sudgálica, muito abundantes no sítio e também o vinho, envasado em ânforas de tipo Gauloise 4, igualmente bem representadas (ARRUDA e VIEGAS 2016: 454, 457, FIG. 9, nº 4-6). Esta origem, que é aqui admitida apesar de não se ter procedido a qualquer análise laboratorial que a confirme, parece a mais provável, atendendo não só às caracte-

rísticas gerais das pastas que a observação macroscópica permitiu, mas também à própria morfologia dos vasos.

As peças em apreço podem associar-se, maioritariamente, aos centros produtores do vale do Ródano, onde se encontraram os seus melhores paralelos, podendo também admitir-se que alguns recipientes sejam originários de La Graufesenque (BATIGNE e DESBAT 1996: 384).

Foram sobretudo as tipologias e as características das pastas que permitiram esta adscrição. Porém, os circuitos económicos em que o sítio estava inserido durante a sua ocupação alto-imperial, que se desviavam do litoral ocidental peninsular, ajudam a afastar uma eventual importação da Quinta do Rouxinol, onde a própria produção de cerâmicas comuns com pastas cauliníticas está ainda efectivamente por comprovar devidamente. A cronologia da produção tagana apoia também a nossa proposta.

O conjunto é composto por um total de 87 fragmentos (até à Campanha de 2014), o que corresponde a 0,4% da totalidade da cerâmica de cronologia romana imperial. A percentagem obtida demonstra que a sua importação e, assim, o seu consumo não terão sido frequentes, nem contínuos, situação idêntica à verificada também nas províncias da *Aquitania* e da *Lugdunensis*, onde a produção está, como já referimos, atestada, ao contrário da situação da *Narbonensis*, sobretudo da região do Drôme, onde é muito mais abundante (BONNET e HORRY 2010: 259). A realidade do caso francês, muito especialmente da última região, traduzirá a situação privilegiada dos centros produtores do Ródano, quando comparada com o de La Graufesenque, implantado junto ao Tarn.

As pastas dos recipientes algarvios acusam sempre produções de Modo B e são homogêneas, sólidas e compactas. A cor das superfícies interna e externa variam entre o cinzento-claro e o negro-acinzentado. O núcleo é, geralmente, mais claro, oscilando entre o branco-escuro e o cinzento-claro.

Dos 87 fragmentos integrados na categoria de cerâmica comum de pasta caulinítica, 21 permitiram classificação, 44 são de forma indeterminada e 19 possibilitam apenas a sua integração nos recipientes genericamente denominados jarros.

A grande maioria (19 exemplares) corresponde à forma KAOL F1 da tipologia de Lattara (FIG. 4), sendo um integrável na KAOL F2 (FIG. 6, nº 9). Os vinte exemplares incluem-se, portanto, nos típicos

jarros de pasta caulinitica utilizados no serviço e na preparação de líquidos. Embora seja admissível que tenham tido a mesma função, diferem na sua morfologia, tendo os primeiros boca trilobada, colo alto e corpo de tendência globular (Forma KAOL F1), e o último, de boca circular, colo curto e corpo piriforme (Forma KAOL F2).

Os jarros da forma KAOL F1, forma 1 de Goudineau, estariam, portanto, aptos para o serviço à mesa, o que se torna evidente pela presença de bordos com forma trilobada, embora se deva ter em consideração a sua provável utilização como ferveedores (MEFFRE e RAYNAUD 1993: 497). Para estes tem sido sugerida uma datação compreendida entre a viragem da Era e o final do século II d.C., datação que está de acordo com o período de laboração das oficinas de Dieulefit e de La Graufesenque (BATIGNE e DESBAT 1996: 384). Todavia, os paralelos estabelecidos favorecem uma origem na área do médio Ródano em detrimento da de La Graufesenque.

Apesar de estes recipientes serem integrados numa forma exclusiva, tem-se constatado uma considerável variedade na sua morfologia. Essa situação é particularmente evidente na forma dos bordos, ainda que se admita que o recipiente em si mantenha as mesmas características gerais. Esta variabilidade, constatada nos centros de consumo franceses, está também presente nos recipientes recolhidos em Monte Molião, onde predominam os bordos exvertidos e espessados externamente, colos médios ou altos arqueados (FIG. 4, nº 1 a 4) e ombros por vezes marcados por molduras (FIG. 4, nº 1 e 4). Existem ainda alguns recipientes com bordos moldurados internamente (FIG. 4, nº 5 e 6), com sulco horizontal profundo. Nestes últimos, o colo é, geralmente, mais recto.

Todos apresentam em comum, contudo, um elemento de preensão, que facilitaria o seu transporte e/ou o acto de verter líquidos, que arranca do bordo e se une ao corpo na área superior do ombro. Igualmente comum é a deformação trilobada das bocas, embora se deva admitir que as formas variadas que estas adquirem resultam da maior ou menor pressão exercida no bordo pelo oleiro no momento da sua conformação e ainda da posição dos próprios lóbulos.

Esta variedade é, como dizíamos, visível nos trabalhos divulgados pelos autores francófonos (BATIGNE e DESBAT 1996), sendo, contudo, sempre hegemónica a presença de jarros de bordo exvertido e engrossado externamente, formando frequentemente uma moldura alta. Estes estão presentes ao longo do vale do Ródano, em Lyon, em Vienne, em

Séguret ou em Châteauneuf-du-Rhone (BATIGNE e DESBAT 1996; GODARD 1992). Já na área narbonense parece ser bastante escassa (SANCHEZ 2011: 173), facto algo surpreendente se tivermos em consideração a proximidade do estuário do Ródano.

Mais raros, porém, são os jarros com bordo moldurado internamente e de colo recto (FIG. 4, nº 5 e 6), dos quais se conhecem alguns exemplares da região de Bordéus, ao longo do baixo Garona. Aí se localizam as oficinas de Soubran e de Petit Niort, que terão laborado entre 75 e 150 d.C. (SANTROT e SANTROT 1991), e onde se encontram alguns exemplares de colo vertical e paredes pouco espessas (SANTROT, SANTROT e TASSAUX 1975: 148, nº 108; BATIGNE e DESBAT 1996: 387, fig. 5). Ostentam pastas ligeiramente diferentes das dos recipientes antes descritos, possuindo tons cinzentos homogêneos, sendo compactas e bem depuradas.

Deve referir-se, acerca deste tipo concreto de jarros, que a proposta de função enquanto fervedores tem sido apoiada pela presença frequente de depósitos de calcário nas paredes internas (BATIGNE e DESBAT 1996: 381). Também grande parte dos fragmentos de Monte Molião exibem esses depósitos (FIG. 5), dos quais destacamos um conjunto abundante de fragmentos de fundos (FIG. 6, nº 1 a 8). Este facto parece alentar a possibilidade de estes fundos terem feito parte integrante dos jarros da forma KAOL F1.

Ainda que se trate de um contentor distinto, do ponto de vista produtivo e geográfico, parece interessante trazer a debate os resultados das análises realizadas sobre os mesmos depósitos nas paredes internas dos jarros trilobados africanos de tipo Uzita 48.1 (GONZÁLEZ VILLAESCUSA ET AL. 2015). Apesar de os autores franceses terem avançado um provável conteúdo vinário para os recipientes gauleses, apoiando-se nas semelhanças com a baixela metálica, as análises realizadas sobre as amostras dos fervedores africanos permitiram aos autores identificar proteínas de leite e notar a ausência de corantes de vinho (GONZÁLEZ VILLAESCUSA ET AL. 2015: 188, fig. 8). A contemporaneidade, a funcionalidade análoga e a proximidade morfológica dos dois recipientes obrigam, ainda que com as devidas reservas, a ponderar uma eventual correspondência de conteúdos.

Como foi referido, a forma KAOL F2 encontra-se representada apenas por um único exemplar (FIG. 6, nº 9). Trata-se também de um jarro, sendo, evidentemente, extensíveis a este as considerações funcionais tidas para a forma KAOL F1. Todavia, difere morfológicamente

da forma precedente, apresentando boca circular e o bordo exvertido, ligeiramente engrossado externamente, com um característico sulco no topo. Apesar de ter convivido com o jarro KAOL F1, tem um período de produção e circulação mais limitado, concretamente entre meados da primeira metade do século II e início do III d.C. (MEFFRE e RAYNAUD 1993: 497).

A supremacia da importação dos jarros/fervedores gauleses é evidente quando constatamos que somente foi identificado um fragmento que não integra recipientes com essa função. Trata-se de um bordo correspondente à forma KAOL A9, que os autores da tipologia chamaram “urne” (MEFFRE e RAYNAUD 1993: 489), que corresponde morfológicamente a um pequeno pote.

O recipiente não representa qualquer excepcionalidade morfológica, pelo que a sua identificação no espólio de Monte Molião não se deverá a uma importação frequente, parecendo pontual ou mesmo irrepetível. De facto, a forma encontra paralelo quer nas produções gaditanas (GIRÓN ANGUIZAR 2010: 254), massivamente importadas para o Algarve, quer nas locais/regionais (ARRUDA, VIEGAS e BARGÃO 2010: 300). Corresponde a um pote de pequenas dimensões, globular, de bordo em aba horizontal voltada para o exterior. Ostenta a típica pasta caulinítica do vale do Ródano e tem-lhe sido atribuída uma datação idêntica à dos jarros da forma KAOL F2, compatível com as oficinas de Dieulefit e de Lyon (BATIGNE e DESBAT 1996: 384).

Quanto aos contextos de recolha e, portanto, à cronologia, devemos começar por referir que a maioria dos exemplares de Monte Molião é proveniente de estratos superficiais, distribuindo-se pelos dois dos sectores escavados, o A, na vertente Este, e o C, na Sul. Todos os do primeiro Sector, uma área residencial, pertencem a jarros da forma KAOL F1, aos quais se poderão, eventualmente, juntar vários fragmentos de asas e os já mencionados fundos com depósitos calcários. Os do Sector C integram-se na mesma forma e ainda nos tipos KAOL F2 e A9.

Foram recolhidos nas U.E.s [28], [58], [85], [117] e [225], do Sector A, sendo a [117] a única que pode ser considerada da fase mais antiga imperial do aglomerado (do século I), mas que, ainda assim, corresponde a um estrato de aterro/amortização dos espaços dessa mesma fase mais antiga (Fase I, PEREIRA e ARRUDA 2016: 156-157). Somos, portanto, obrigados a concluir que a cerâmica comum caulinítica, para além de se tratar de uma categoria escassamente importada, não come-

çou a ser adquirida em simultâneo à *terra sigillata* sudgálica, situação que pode resultar do facto de a quase totalidade dos materiais ter origem no vale do Ródano.

Os 26 fragmentos provenientes do sector C foram integralmente recolhidos em contextos associados à bateria de quatro fornos aí identificados, destinados ao fabrico de cerâmica comum, e que foram datados entre final do século I d.C. e a primeira metade do seguinte (ARRUDA, VIEGAS e BARGÃO 2010: 301). Podemos, pois, considerar que a fase de laboração destes fornos é coincidente com a fase II identificada no sector A, não se estranhando, portanto, a recolha, nestes contextos, dos exemplares mais tardios, formas KAOL F2 e A9. Por outro lado, está comprovada a produção local de jarros de idêntica morfologia, concretamente nos fornos escavados no sector C (ARRUDA, VIEGAS e BARGÃO 2010: 300), que convivem com os recipientes gauleses.

Uma datação do final do século I e primeira metade da centúria seguinte, que corresponde à Fase II da ocupação romana imperial do sítio (PEREIRA e ARRUDA 2016, p. 158), é, assim, a que podemos defender para a importação e o consumo desta categoria cerâmica, datação que, aliás, corresponde ao momento nuclear de produção e exportação dos jarros trilobados gauleses. Assim, e considerando a quase total inexistência destes recipientes nos contextos de construção e utilização da fase I, a mais antiga da ocupação romana imperial, parece evidente que os jarros gauleses apenas foram importados para Monte Molião a partir de momento indeterminado do último quartel do século I d.C. Embora o seu consumo tenha sido sempre muito raro no sítio, parece ter-se mantido até ao seu abandono, situação que está testemunhada pela recolha destas cerâmicas nos últimos níveis de ocupação, que foram considerados da segunda metade do século II d.C. (Fase III, PEREIRA e ARRUDA 2016: 158-159). Neste contexto, não podemos deixar de recordar que muitos dos centros produtores do vale médio do Ródano continuavam a produzir estes recipientes justamente até esse momento relativamente avançado.

4. Considerações finais

A cerâmica de pastas caulínicas é uma categoria que, embora seja conhecida nos sítios francófonos desde, pelo menos, a década de 80 do século passado, tem sido renegada para um segundo plano na Península

Ibérica, permanecendo frequentemente inédita. Esta situação, que se deve a diversos factores, determinou um evidente desconhecimento da sua real dispersão. O estudo do conjunto de Monte Molião evidenciou que estas cerâmicas foram, com efeito, importadas do Sul da Gália, o que contribui também para provar que a sua dispersão geográfica foi consideravelmente maior do que a que inicialmente se considerou. Todavia, deve ser admitido que os números são diminutos, o que, aliás, também contribuiu para o seu deficiente conhecimento.

Complica este panorama, já de si complexo, a considerável variedade de pastas gaulesas obtidas das argilas de caulinita. A composição, o modo de fabrico e também a sua utilização contribuíram para uma variedade de pastas que ostentam tonalidades diversas. Por outro lado, a elevada proliferação de oficinas gaulesas nas províncias romanas *Narbonensis*, *Aquitania* e *Lugdunensis* não facilita uma intuitiva associação de pastas a centros produtores.

Ainda assim, podemos concluir que no Ocidente terão circulado sobretudo os típicos jarros trilobados, que terão sido utilizados como recipientes para o transporte e serviço de líquidos, de acordo com a proposta de Batigne e Desbat, (1996, p. 381), mas também como fervejadores. De facto, as recentes análises realizadas aos depósitos de um recipiente análogo, ainda que de origem distinta (africana), permitiram identificar proteínas de leite e notar a ausência de corantes de vinho (GONZÁLEZ VILLAESCUSA ET AL. 2015: 188, fig. 8), o que sugere um conteúdo concreto. Claro que somente as mesmas análises, realizadas sobre os vasos gauleses, poderão esclarecer se o mesmo conteúdo lhes pode ser associado. Apesar disso, é consensual que estes jarros tenham sido, efectivamente, utilizados para ferver, função comprovada pela existência de fundos com evidentes sinais de exposição ao fogo, seja qual for o líquido que foi alvo desse processo.

A maior dificuldade sentida no trabalho que concretizámos foi, contudo, a identificação da área da qual os artefactos de Monte Molião são originários. Se a análise macroscópica indicia que a grande maioria dos vasos com pasta caulínica de Monte Molião foi fabricada nos centros produtores do vale do Ródano, não é improvável que outros possam ter sido produzidos em outra região francesa. Ainda assim, refira-se que a hegemonia das primeiras oficinas pode facilmente ser justificada pela existência de uma via de escoamento dos produtos – o Ródano – o que explica simultaneamente a proliferação de oficinas nas suas proximidades (BATIGNE e DESBAT 1996).

O mesmo não parece ser extensível ao centro produtor de La Graufesenque, pois, para além de oferecer uma variedade e quantidade limitadas de recipientes fabricados com estas argilas, a morfologia dos que aí foram produzidos parece ser distinta dos identificados no vale do Ródano (BATIGNE e DESBAT 1996: 385, fig. 3, nº 3).

Apesar disso, também não é nestas últimas produções que os restantes jarros de Monte Molião parecem integrar-se. Com efeito, embora com as devidas reservas, estes parecem ostentar formas e pastas (SANTROT, SANTROT e TASSAUX 1975: 148, nº 108; SANTROT e SANTROT 1979, formas 498-499; BATIGNE e DESBAT 1996: 387, fig. 5) relacionáveis com as oficinas que têm vindo a ser identificadas ao longo do baixo Garona (BATIGNE e DESBAT 1996: 387), sendo bem conhecidas as de Soubran e de Petit Niort (SANTROT e SANTROT 1991). Assim, além dos produtos seguramente importados da *Narbonensis*, deve ser ponderada a existência de produtos com origem na Aquitânia.

Se as pastas das cerâmicas cauliníticas de Monte Molião podem delatar origens diversas, de distintas áreas do Sul da França, a morfologia identificada corresponde, quase exclusivamente, a jarros, sendo os de boca trilobada maioritários, o que pode ser indício de que a função terá justificado a preferência por estes recipientes, transportados pelo Mediterrâneo até ao Ocidente peninsular. Essa preferência por estes jarros está ainda plasmada nas próprias produções cerâmicas do sítio arqueológico de Monte Molião. Com efeito, nos fornos identificados no sector C fabricou-se um recipiente que pretendeu reproduzir os jarros gauleses, especificamente a forma 2.5 (ARRUDA, VIEGAS e BARGÃO 2010: 300), que não é também, diga-se, particularmente abundante. Não obstante, não pode deixar de se referir que a forma foi amplamente produzida e reproduzida em vários contextos peninsulares de época romana (SARRANO RAMOS 2000: 72; PINTO 2003: 422; GIRÓN ANGUIOZAR 2017: 233).

A relação económica privilegiada que Monte Molião manteve, desde os meados da 1ª metade do século I com a província romana da *Narbonensis*, e que era já reconhecida através da expressiva presença de *terra sigillata* sud-gálica (ARRUDA ET AL. 2008: 180-181) e de ânforas gaulesas (ARRUDA e VIEGAS 2014: 454), vê-se agora reforçada pelo estudo das cerâmicas comuns de pasta caulinítica.

BIBLIOGRAFIA

- ALCAMO, Jean Claude (1983) - *Essai théorique sur la dénomination des productions de poterie céramique commune*. Paris: Diplôme de l'E.P.H.E.
- ALCAMO, Jean Claude (1986) - *La dénomination des productions de vaisselle commune*. Revue archéologique Sites. Avignon: 29 de Hors-Series.
- ARRUDA, Ana Margarida e SOUSA, Elisa (2012) - Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *Spal* 21 93-133.
- ARRUDA, Ana Margarida, SOUSA, Elisa, BARGÃO, Patrícia e LOURENÇO, Pedro (2008) - Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Xelb* 8 (I) 137-168.
- ARRUDA, Ana Margarida, SOUSA, Elisa, PEREIRA, Carlos e LOURENÇO, Pedro (2011) - Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal). *Conimbriga* 50 5-32.
- ARRUDA, Ana Margarida e VIEGAS, Catarina (2014) - As ânforas alto-imperiais de Monte Molião. In Ramón JÁRREGA e Piero BERNI, (eds.) - *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. Tarragona: *Ex Officina Hispana* 446-463.
- ARRUDA, Ana Margarida, VIEGAS, C Catarina e BARGÃO, Patrícia (2010) - A cerâmica comum de produção local do Monte Molião. *Xelb* 10 285-304.
- BATIGNE, Cécile e DESBAT, Armand (1996) - Un type particulier de “cruche”: les bouillottes en céramique d’époque romaine (I^{er}-III^e siècles). In F.E.C.A.G., *Actes du Congrès de Dijon* 381-394.
- BIFFI, Giovanni (2002) - *O grés porcelanato – manual de fabricação e técnicas de emprego*. São Paulo: Edgard Blücher.
- BONNET, Christine (2005) - Évolution des céramiques de la fin du II^e s. au V^e s. ap. J.-C. dans la Drôme: l’exemple de Bourbousson (Crest) sur le tracé du TGV Méditerranée. *Revue archéologique de Narbonnaise* 38-39 483-506.
- BONNET, Christine e HARRY, Alban (2010) - Céramiques de la basse vallée de la Drôme du I^{er} s. av. J.-C. au VI^e s. ap. J.-C.: les sites de Saint-Martin et l’Hortal à Chabrillan (Drôme). *Revue archéologique de Narbonnaise* 43 255-289.
- CABAÇO, Nuno, SARRAZOLA, Alexandre, SILVA, Rodrigo, CARVALHO, Liliana e LOURENÇO, Marina (2017) - O espaço de necrópole romana das portas de Santo Antão, Lisboa. In José ARNAUD e Ana MARTINS (coords.) – *Arqueologia em Portugal. Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 1243-1254.
- DELGADO, Manuela e MORAIS, Rui (2009) - *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: Centro de Investigação Transdisciplinar - Cultura, Espaço e Memória.
- GARCÍA VARGAS, Enrique e LÓPEZ ROSENDO, Esther (2008) - El alfar de Rabatún (Jerez de la Frontera, Cádiz) y la producción de ánforas y cerámica común en la campiña del Guadalete en época altoimperial romana. *Spal* 17 281-313.
- GIRÓN ANGUIOZAR, Lourdes (2010) - Las cerámicas comunes del alfar romano de Puente Melchor (Puerto Real, Cádiz). Un ensayo de clasificación de las formas abiertas. *Herakleion* 3 105-162.

- GIRÓN ANGUIOZAR, Lourdes (2017) - *La cerámica común romana en la Bahía Gaditana en época romana. Alfarería y centros de producción*. Oxford: Archaeopress Roman Archaeology 21.
- GODARD, Catherine (1992) - Une réserve de céramiques de l'époque de Claude à Vienne (Isère). In S.F.E.C.A.G. *Actes du Congrès de Tournai* 239-264.
- GOMES, Ana (2000) - *Cerâmicas pintadas de época romana: tecnologia, morfologia e cronologia*. Dissertação em Arqueologia, apresentada à Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, para obtenção do grau de Mestre.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo, QUEVEDO SÁNCHEZ, Alejandro, JÁRREGA, Ramón, PECCI, Alessandra e CAU ONTIVEROS, Miguel (2015) - La céramique culinaire africaine. Typo-chronologie, fonction et diffusion de la forme Uzita 48.1. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. 45 (2) 169-194.
- GOUDINEAU, Christian (1977) - Note sur la céramique commune grise gallo-romaine de Vaison. *Revue Archéologique de Narbonnaise* 10 153-169.
- GOUDINEAU, Christian e GRAS, René (1978) - La céramique grise gallo-romaine, note complémentaire. *Revue Archéologique de Narbonnaise* 11 195-212.
- LUZ, Adão e DAMASCENO, Eduardo (1993) - *Caulim: um mineral industrial importante*. Rio de Janeiro: Tecnologia Mineral, CETEM.
- MEFFRE, Joel Claude e RAYNAUD, Claude (1993) - Céramique commune kaolinitique. *Lattara*. Lattes. 6 488-499.
- PELLEGRINO, Emmanuelle, PORCHER, Émilie e VALENTE, Marinella (2012) - La céramique kaolinitique du Verdon (Var): première approche. S.F.E.C.A.G., *In Actes du Congrès de Poitiers*, 673-686.
- PEREIRA, Carlos e ARRUDA, Ana Margarida (2016) - As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal). *Spal* 25 149-181.
- PICON, Maurice (2002) - Les modes de cuissons, les pâtes et les vernis de la Graufesenque: une mise au point. In Martine Genin, Alain Vernhet, A. (Dir). *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommages à Bettina Hoffmann*. Eds. M. Mergoil, Archéologie et Histoire Romaine, 7, Montagnac, p. 139-163.
- PINTO, Inês (2003) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- RAPOSO, Jorge, SANTOS, Cézer e ANTUNES, Olga (2016) - Roman pottery workshop of Quinta do Rouxinol (Seixal): quantification and classification of amphora production. In Inês Pinto, Rui Almeida e A. Martin (Eds.) *Lusitanian Amphorae: production and distribution*: 19-46. Oxford.
- SANCHEZ, Corinne (2011) - Vaisselle de bord et petits conteneurs, l'exemple des céramiques communes de la collection Bouscaras à Port-la-Nautique. In SANCHEZ, Corinne e JÉZÉGOU, Marie-Pierre (dir.) - *Espaces littoraux et zones portuaires de Narbonne dans l'Antiquité*. Lattes: Monographies d'Archéologie Méditerranéenne 143-174.
- SAMPAIO, Armando (1969) - Os caulinos da Senhora da Hora. *Boletim de Minas* 6 (3) 147-162.

- SANTOS, Cézer (2012) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de Mestre.
- SANTROT, Marie Hélène e SANTROT, Jacques (1979) - *Céramiques Communes Gallo-Romaines d'Aquitaine*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- SANTROT, Marie Hélène e SANTROT, Jacques (1991) - Soubran et Petit-Niort (Charente-Maritime). Concurrence “organisée” entre potiers d’ateliers ruraux spécialisés. S.F.E.C.A.G., In *Actes du Congrès de Cognac*, p. 83-98.
- SANTROT, Marie Hélène, SANTROT, Jacques e TASSAUX, Danielle (1975) - Le mobilier d’un puits gallo-romain à Saintes (Charente-Maritime). *Gallia* 33 117-158.
- SERRANO RAMOS, Encarnación (2000) - *Cerámica común romana: siglos II a.C. al VII d.C. Materiales importados e de producción local en el territorio malacitano*. Málaga: universidad.
- SERRANO RAMOS, Encarnación (2007) - La cerámica romana de la Bética. *Mainake* 29 215-225.
- SILVEIRA, Gleba, ACCHAR, Wilson, GOMES, Uílame, LABRINCHA, João, MIRANDA, Catarina e SILVEIRA, Rhenus (2016) - Avaliação do mineral caulinita presente em argilas portuguesas para uso em grês porcelanato. 22º CBECiMat - In *Congresso Brasileiro de Engenharia e Ciência dos Materiais*, p. 999-1010.
- SOUSA, Elisa e ARRUDA, Ana Margarida (2013) - A cerâmica de tipo kuass de Monte Molião (lagos). ARNAUD, J., MARTINS, A. e NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 651-659.
- SOUSA, Elisa e ARRUDA, Ana Margarida (2014) - A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos). *Onoba* 2 55-90.
- VIEGAS, Catarina (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: UNIARQ.

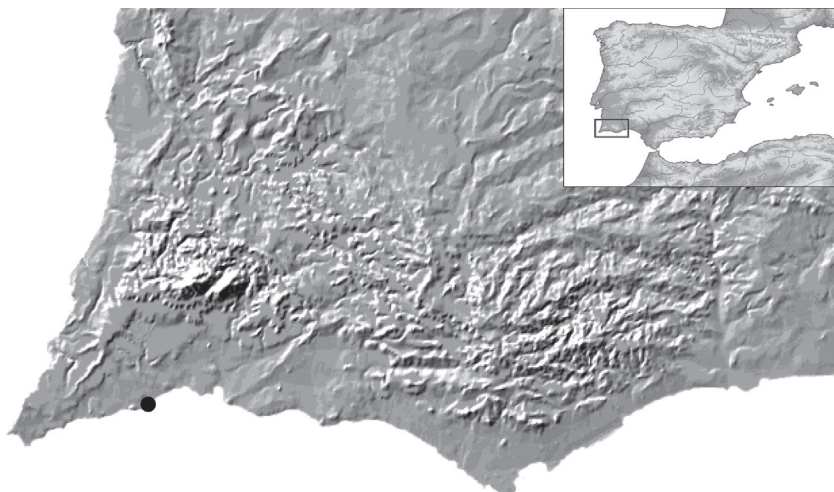


FIG. 1 – *Localização do Monte Molião, Lagos.*



FIG. 2 – *Planta de síntese das estruturas romano-republicanas e imperiais do sector A de Monte Molião, Lagos.*

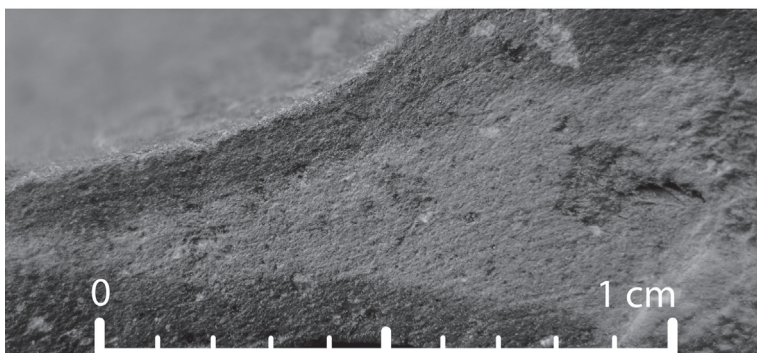
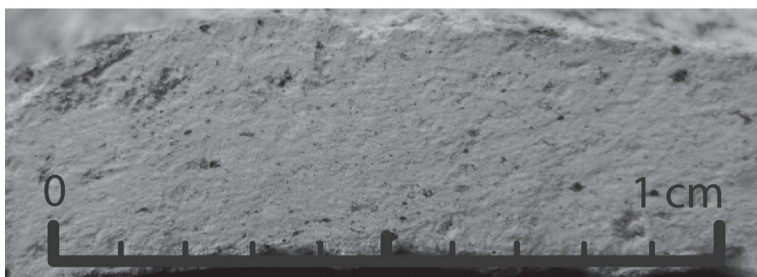


FIG. 3 – *Aspecto geral das pastas cauliniticas de Monte Molião, Lagos.*

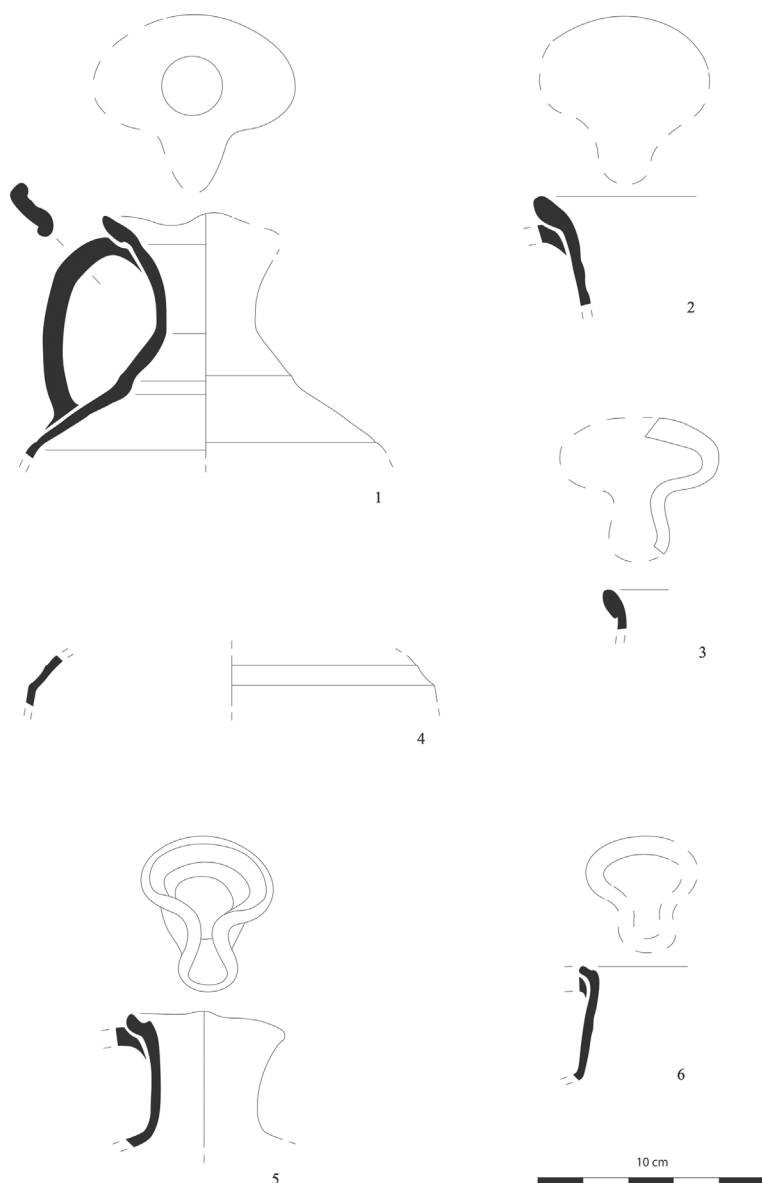


FIG. 4 – Jarros de boca trilobada de Monte Molião, Lagos, forma KAOL F1.

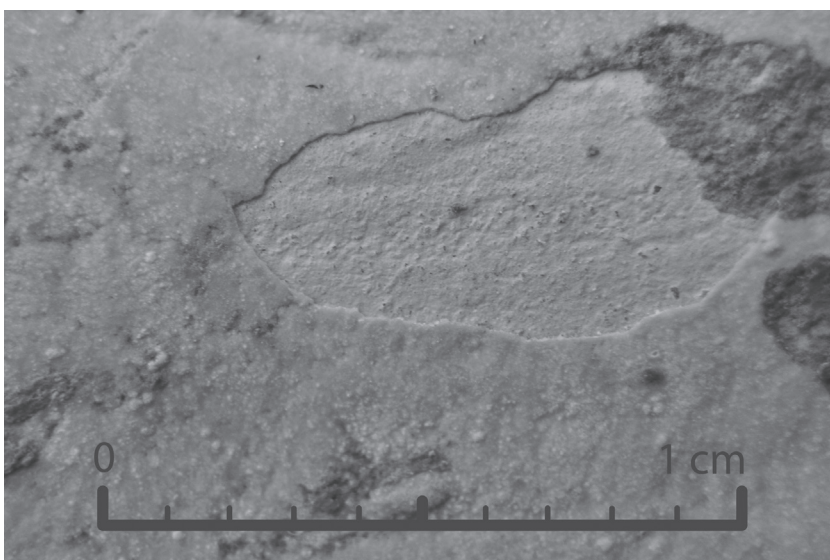


FIG. 5 – Depósito de calcário nas paredes internas de um jarro da forma KAOL F1 (FIG. 4, nº 1) de Monte Molião.

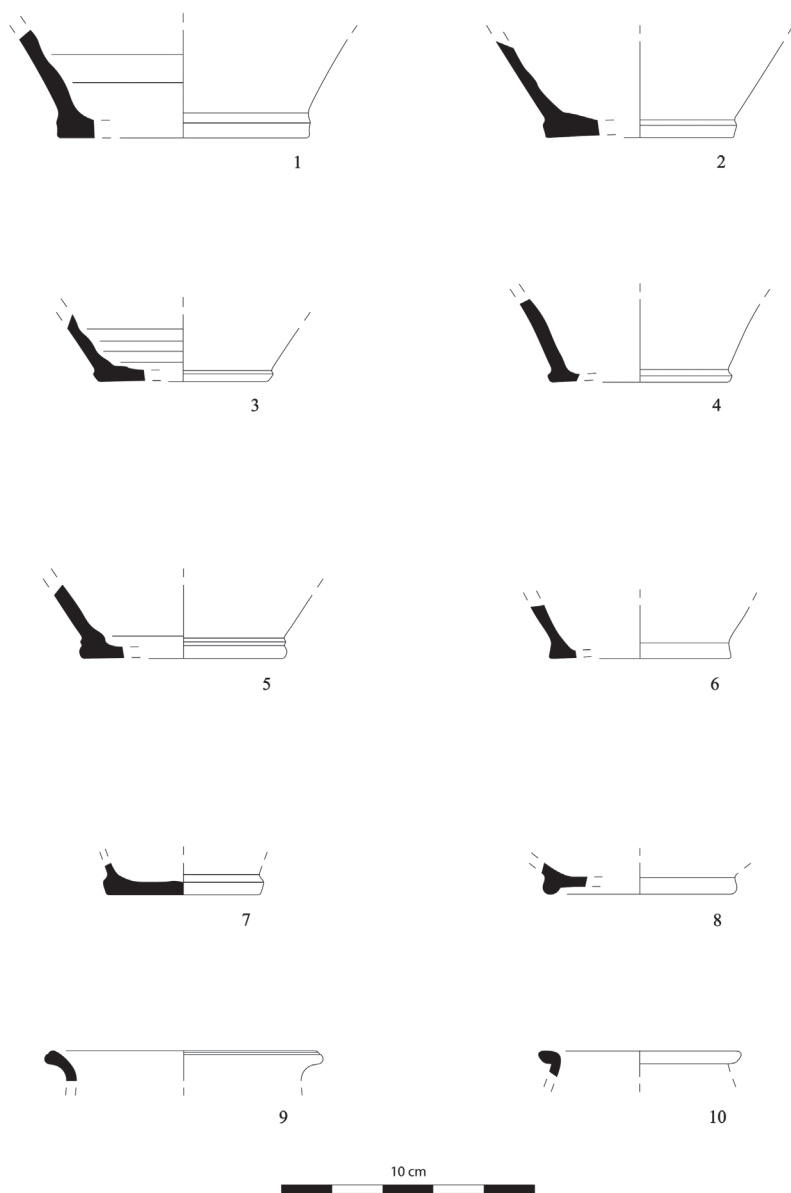


FIG. 6 – Fundos de jarros de Monte Molião, Lagos. N° 9
 – Jarro de boca circular da forma KAOL F2. N° 10 – Bordo de pote da forma KAOL A9.



REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

